

PAPA FRANCISCO: UM SINAL DE CONTRADIÇÃO?

Oposições a seu paradigma pastoral

POPE FRANCIS: A SIGN OF CONTRADITION?
Oppositions to his pastoral paradigm

João Décio Passos*
Leomar Nascimento de Jesus**

Síntese: A aproximação e melhor acolhida eclesial à comunidade LGBT, materializadas nas palavras e, sobretudo, nos gestos do Bispo de Roma, é o foco deste artigo. Seu principal objetivo é analisar os grupos LGBT a partir dos ensinamentos/posturas pastorais do Papa Francisco e a oposição explícita que ele tem enfrentado por parte de seguimentos tradicionalistas da Igreja. Pretende-se evidenciar a presença e a força atuais da comunidade LGBT como um fato histórico, social e político, que interpela a Igreja e que deve ser lido numa perspectiva teológica. Por meio da pesquisa bibliográfica e a partir das categorias “sinais dos tempos”, “sinal de contradição” e “periferias existenciais” busca-se ponderar sobre alguns dos maiores desafios e oportunidades que tal conjuntura oferece para uma efetiva escuta, reconhecimento e acolhida das pessoas LGBT no seio eclesial. Trata-se, portanto, de um texto de teologia elaborado em diálogo com outras ciências que auxiliam na decodificação do objeto, servindo-se de fontes do Magistério e de estudos atuais sobre os sujeitos LGBT.

Palavras-chave: LGBT; Sinais dos Tempos; Periferias Existenciais; Tradicionalismo.

* Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP; Mestre em Teologia pelo Pontifício Ateneu Santo Anselmo, Roma; Mestre em Ciência da Religião; Livre docente em teologia e professor do Programa de Estudos Pós-graduados em Ciência da Religião da PUC-SP. E-mail: <jdpassos@pucsp.br>.

** Doutorando em Ciências da Religião pela PUC-SP; Mestre em Teologia também pela PUC-SP; especializado em comunicação pelo SEPAC (Serviço à Pastoral da Comunicação – Paulinas); Coordenador da pós-graduação “Religião e Cultura” e Professor no Centro Universitário Assunção (UNIFAI). E-mail: <leomar.jesus@professor.unifai.edu.br>.

Abstract: The approach and better ecclesial welcome to the LGBT community, materialized in the words and mostly in the actions of the Bishop of Rome, is the focus of this research. The main purpose of it is to analyze LGBT groups based on teachings / pastoral stances of Pope Francis, and also the specific opposition he has faced for part of traditionalist segments of the Church. This scientific article aims to point the current presence and strength of LGBT community as a historical, social and political fact that challenges the Church and that must be considered in a theological perspective. Through the bibliographic research and based on the categories “signs of times”, “sign of contradiction” and “existential peripheries”, this work intends to ponder some of the biggest challenges and opportunities that this situation offers for an effective listening, recognition and welcome of LGBT people within the Church. Therefore, it is a text of theology elaborated in a dialogue with other sciences that collaborate in decoding of the object, making use of sources of the Catholic Church Magisterium and current studies on LGBT communities.

Keywords: LGBT; Signs of the Times; Existential Peripheries; Traditionalism.

Introdução

Simeão, ao contemplar o frágil menino-Deus nos braços de seus pais não hesitou em lhes ser sincero: “Eis que este menino foi colocado para a queda e para o soerguimento de muitos em Israel, e como sinal de contradição” (Lc 2,33). De fato, nos evangelhos pode-se ver o Cristo rodeado de pessoas que foram tocadas por seu ministério, que tiveram suas vidas transformadas e soerguidas por sua pregação, por sua presença e por seus gestos. Mas, da mesma forma, pode-se reconhecê-lo cercado de indivíduos que não economizaram críticas maldosas, hostilidades perversas e perseguição sem tréguas. Não surpreende que discípulos seus também sofram a mesma oposição e se tornem, da mesma forma, “sinais de contradição”. Afinal de contas, é o próprio Mestre quem diz: “Porque, se fazem assim com o lenho verde, o que acontecerá com o seco?” (Lc 23,31).

O presente artigo faz parte de um universo mais amplo de pesquisa (doutoramento em Ciência da Religião), que visa explicitar os esforços de pessoas e grupos LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Travestis, Transexuais) em prol do reconhecimento de sua condição humana e de seu espaço na sociedade, bem como de seus direitos como

quaisquer outras pessoas. Tal empreitada inclui o espaço eclesial, uma vez que eles e elas estão não só presentes na Igreja Católica Romana (ICR), mas também têm se organizado em grupos de reflexão, de espiritualidade e de fraternidade, o que lança grandes desafios pastorais e teóricos à Igreja Católica.

Este trabalho é, pois, uma reflexão teológica – em diálogo com outras áreas de conhecimento –, que busca analisar os grupos LGBT a partir dos ensinamentos e posturas pastorais do Papa Francisco. Elege-se, pois, o tema da moral sexual, mais particularmente aquele de um maior reconhecimento e de uma melhor acolhida eclesial às pessoas LGBT, materializados nas palavras e, sobretudo, nos gestos do Papa Francisco. Seria ele também, a exemplo de Jesus, um “sinal de contradição”, nestes tempos em que se vê agitar a poeira da intolerância religiosa e de tendências tradicionalistas no seio da Igreja? Não seriam os dramas, as perguntas e reivindicações daquelas e daqueles batizados LGBT parte do que na tradição mais recente da Igreja passou a ser chamado de “sinais dos tempos”? Essa temática tão urgente é tratada aqui com fé e razão e, ao mesmo tempo, com uma paixão entranhada pelo ser humano e pela Igreja.

Num primeiro momento referir-se-á à pessoa de Jesus, como modelo de quem se tornou um sinal de contradição em seu próprio mundo religioso. Em seguida, passar-se-á à constatação da presença e atividade da comunidade LGBT como um fenômeno histórico, social e político cada vez mais consciente e reivindicante de seu protagonismo na sociedade – inclusive na Igreja – e que não pode ficar sem respostas que surjam da capacidade de escuta e de diálogo, tão característicos dos ensinamentos evangélicos.

A seguir, refletir-se-á sobre a necessidade de encarar tal fenômeno como um “lugar teológico”, como parte daquilo que convencionou-se chamar na tradição mais recente da Igreja de “sinais dos tempos”, uma vez que os sujeitos LGBT são pessoas humanas como quaisquer outras, criadas à imagem e semelhança de Deus e que interpelam a Igreja com suas dúvidas e perguntas; com seus dramas e produções filosófico-teológicos; com seu sentimento de pertença à “assembleia dos que creem”, a Igreja.

Refletir-se-á ainda sobre os avanços realizados pela Igreja na direção de uma maior aproximação e acolhida à realidade da comunidade LGBT, avanços esses impulsionados, sobretudo, pelas palavras e atitu-

des do Papa Francisco, sempre atento aos “sinais dos tempos” e às “periferias existenciais”.

Concluir-se-á esta reflexão ponderando sobre os desafios que despontam no atual contexto eclesial, sobretudo diante do tradicionalismo pautado por um paradigma teológico essencialista, legalista, dogmatista e exclusivista. Mas, ao mesmo tempo, destacar-se-á as oportunidades que tal contexto oferece, sobretudo com o protagonismo e a maior preparação acadêmica de pessoas LGBT (dentro e fora da Igreja); com a abertura incentivada pelo Papa Francisco, mas assumida também por muitos padres, religiosos e religiosas, bem como prelados; além do aumento de teólogos que se esmeram na busca de um diálogo mais profícuo entre Teologia e outros saberes, quando o assunto é diversidade sexual.

Intende-se, sobretudo, destacar o quanto a abertura promovida pelo bispo de Roma faz vislumbrar novos horizontes para que se leia a realidade das pessoas LGBT à luz da fé, jamais ignorando sua realidade concreta e sem desprezar o diálogo tão necessário com os mais variados campos científicos. Tomando como referência o próprio ensinamento do Papa Francisco, na *Amoris Laetitia* (AL), espera-se contribuir para um olhar sobre a realidade LGBT a partir dos pressupostos da fé, com fins de acolhida, acompanhamento, discernimento e integração (AL, 291-312).

1. Cristo, um subversivo aos olhos de seus opositores

Antes de tudo, para esta reflexão sobre o Papa Francisco como sinal de contradição, convém tomar como referência o próprio Cristo. Pode-se contemplá-lo nos evangelhos espalhando esperança e vida por onde passa. No encontro com o leproso, ele lhe restitui a saúde e o reintegra à vida social (Mt 8,1-4). Na cura do parálítico, ele apresenta um novo paradigma onde o perdão de Deus é comunicado não mais mediante ritos mecânicos e frios, reservados a uns poucos que tinham condições de praticá-los, mas mediante a gratuidade de Deus que se coloca no lugar do pecador e o alcança em sua miséria mais profunda (Mt 9,1-8). No encontro com a mulher adúltera, além de comunicar este novo paradigma do perdão de Deus e de romper com o patriarcalismo machista da época, ele envergonha aqueles que se achavam merecedores dos benefícios divinos, pelo simples fato de serem cumpridores de preceitos, desprovidos de um mínimo de caridade autênti-

ca e de misericórdia. Jesus rompe com um legalismo vazio que gerava exclusão e sofrimento no povo.¹

Vivendo num contexto onde a lei do puro e do impuro mais afastava as pessoas de Deus que as aproximava dele, Jesus comunica, pela sua pregação, pela sua capacidade de acolhida, pela verdade de sua mensagem, por seus gestos de ternura e misericórdia, o verdadeiro rosto de Deus que nunca se cansa de ir em busca do ser humano (cf. Lc 15,11-32). Para além de tudo isso, para se comunicar com as pessoas, Jesus se inseriu em seus contextos. Ele não só tinha ciência de quem eram seus destinatários, mas ele viveu como um deles.²

Ora, este paradigma de aproximação à realidade de seus interlocutores e seu novo modo de interpretar a Lei, bem como os Profetas, fizeram de Jesus um subversivo aos olhos de seus opositores, em sua maioria líderes religiosos “bastante piedosos”. Suas constantes quebras de protocolo naquelas convenções religiosas lhe custaram muita dor de cabeça, ousadas provocações e, por fim, a morte de cruz. Chamaram-no de glutão e de bebedor (cf. Mt 11,19); afirmaram que ele expulsava os demônios por Beelzebu (cf. Mt 12,22-32); foi apresentado à multidão para ser crucificado, como um maldito aos olhos de Deus (cf. Dt 21,23; Gl 3,13).

Mas, Jesus não se deixava intimidar frente a seus opositores, especialmente fariseus, mestres da Lei e escribas, as principais autoridades religiosas da época. Quando estes lhe pedem um sinal vindo do céu, Jesus ironiza, dizendo que sabem interpretar o aspecto do céu, mas são incapazes de interpretar os “sinais dos tempos” (cf. Mt 16,3). Chamava-os de hipócritas, afirmava que “amarram fardos pesados e os põem sobre os ombros dos homens, mas eles mesmos nem com um dedo se dispõem a movê-los” (cf. Mt 23,4).

Acima de tudo, Jesus teve a ousadia de afirmar: “Os publicanos e as prostitutas estão vos precedendo no Reino de Deus” (cf. Mt 21,31), o que, para o contexto da época, e frente a seus interlocutores, seguramente significou uma blasfêmia, uma heresia ou, no mínimo, uma grande provocação.

Não é exagerado dizer que o Papa Francisco, “um papa vindo quase do fim do mundo”, tem assumido um paradigma pastoral que destoa

1. Cf. NASCIMENTO DE JESUS, *Princípios éticos para a comunicação social a partir da Instrução Pastoral Communio et Progressio*, p. 31.

2. *Idem*.

em muitos aspectos da tendência eclesial fomentada durante os pontificados de João Paulo II e de Bento XVI, o que lhe tem provocado bastante incompreensão e oposição, por parte de segmentos tradicionalistas³ da Igreja, conforme se verá abaixo. Tal como Cristo, frequentemente hostilizado pelas autoridades religiosas e políticas constituídas de sua época, por meio de suas palavras e obras, o bispo de Roma tem incomodado muitas estruturas constituídas do mundo atual, tanto *ad intra* quanto *ad extra*, em relação às fronteiras eclesiais.

Mas Francisco não se deixa calar. Numa realidade marcada por tanta segregação, ódio, intolerância, preconceito e satanização do diferente, ele acaba de presentear o mundo com uma carta encíclica intitulada *Fratelli Tutti*,⁴ sobre a fraternidade e a amizade social, reflexão bastante propícia para pensar também a situação de pessoas LGBT, nomeadamente batizadas e batizados católicos.

2. Um fato histórico, social e político a ser lido na perspectiva da fé

Estudos bastante contundentes revelam a presença de homossexuais, masculinos e femininos, no decorrer de toda história humana e em todas as culturas. Muitos personagens históricos (incluindo alguns bíblicos), seriam – para alguns autores – eventualmente homossexuais (cf. Moser, 2001, p. 215). Várias terminologias foram dadas e/ou assumidas por estas pessoas no decorrer da história (não raras vezes com sentido pejorativo). Na atualidade, porém, frequentemente se assumem como comunidade “LGBT”.

A composição desta sigla é bastante dinâmica no decorrer da história do movimento, por buscar ser inclusiva. Durante muito tempo “homossexual”, como denominação genérica, foi um termo bastante usado como “guarda-chuva” para se referir a toda a diversidade sexual e de gênero. À medida que as outras identidades foram se consolidando, afirmando suas especificidades e conquistando espaço próprio, o termo passou a ser muito criticado, já que apagava as demais identidades. Há hoje uma diversidade de expressões, mas a denominação LGBTI+

3. Neste trabalho, utilizar-se-á primordialmente o termo “tradicionalista” (e suas derivações), embora, abaixo, se lance mão também do termo “conservador” (e suas derivações), sobretudo quando referido pelos autores que serão citados.

4. FRANCISCO, *Fratelli Tutti*: sobre a fraternidade e amizade social.

(Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Transgêneros, Intersexuais e outros) é uma das mais conhecidas.⁵

Sem ter a intenção de excluir as outras identidades, aqui se dará preferência à sigla LGBT, a mesma que vem sendo adotada pelos grupos que compõem a “Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT” (criada em 2014, por ocasião do Iº Encontro Nacional de Católicos LGBT, no Rio de Janeiro), coordenada por Cris Serra (2019, p. 21). Exceções ocorrerão quando forem citados autores ou instituições que usam outras siglas. Da mesma forma, em alguns momentos, por causa do contexto e por se referir a autores que ainda não conheciam (ou não lançam mão de) tal sigla, utilizar-se-á a palavra “homossexual” ou “homossexualidade”.

Assim, na atualidade, não obstante os inúmeros ventos contrários, nomeadamente a homofobia e a transfobia, que se materializam em agressões de todo tipo a membros LGBT, eles são cada vez mais visíveis, realizam grandes paradas, são protagonistas em filmes e telenovelas, lutam por reconhecimento, exigem respeito e reivindicam direitos e deveres como quaisquer outros cidadãos. Em outras palavras, eles estão em toda parte, inclusive na Igreja.⁶

Se na sociedade em geral encontram hostilidades, o universo eclesial frequentemente se apresenta como um desafio ainda maior para pessoas LGBT. Como instituição milenar e consolidadora de uma antropologia sexual profundamente avessa a qualquer outra forma de vivência da sexualidade, ou seja, a qualquer expressão de amor “ágape-erótico” que não esteja enquadrada dentro dos parâmetros do matrimônio monogâmico e heterossexual com finalidade procriativa, frequentemente a Igreja se torna palco de preconceitos e distanciamento das pessoas LGBT. Como ainda declara Luís C. Lima:

São pessoas que nasceram e foram criadas neste ambiente, têm fé e em certo momento descobriram esta condição. Várias delas participam ativamente de suas comunidades, mas não poucos se afastaram e se afastam por se depararem com incompreensão e hostilidade.⁷

Apesar de tal clima de enfeitamento e exclusão ainda presente em muitos ambientes eclesiais, surgem fachos de luz aqui e acolá, manifes-

5. Cf. COUTINHO, Sigla LGBTQIA+ evoluiu junto ao movimento para gerar inclusão e incentivar o respeito.

6. LIMA, Pastoral dos LGBT.

7. *Ibidem*.

tados pela coragem, ousadia, fé e protagonismo de pessoas LGBT, bem como por fiéis leigos e ministros religiosos cada vez mais sensíveis às suas feridas e sofrimentos, a seus talentos e potencialidades. O lançamento, em 2007, de um site dedicado a disponibilizar diversos subsídios com o intuito de conciliar diversidade sexual e de gênero com vivência cristã (de modo especial no âmbito católico romano), tornou-se um marco para o desencadeamento de solicitações por encontros presenciais regulares de pessoas LGBT católicas (cf. Serra, 2019, p. 24-25).

Ainda segundo Serra, “inicialmente as reuniões contavam com cerca de 10 participantes – média que, após o início do pontificado de Jorge Bergoglio, chegou entre vinte e trinta” (2019, p. 24-25). Os grupos começaram, pois, no Rio de Janeiro, espalhando-se, depois, para outras regiões do Brasil. Nos dias de hoje há mais de 20 grupos católicos da diversidade, integrantes da já citada Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT (cf. Serra, 2019, apêndice).

Tais encontros são ocasiões para oração, meditação de passagens bíblicas, partilha de experiências, reflexão em torno de temas que relacionam sexualidade e gênero com a vivência da fé cristã. Como se pode inferir a partir da obra de Cris Serra, as reuniões dos grupos católicos da diversidade são encontros fraternos e de apoio mútuo em sua lida para permanecerem na Igreja. Nesses encontros de reflexão e vivência tem despontado ainda novos estudos, novas chaves de leitura bíblica (em diálogo com os mais variados campos da ciência), sobre a diversidade sexual e sobre *seus desdobramentos doutrinários*.

Pode-se dizer que tamanha inspiração e reafirmação do sentido de pertença da comunidade LGBT católica acenam para aquilo que o Papa Francisco declara *Fratelli Tutti*, conclamando à fraternidade e à amizade social e expressando a necessidade de se desenvolver numa comunidade:

Desejo ardentemente que, neste tempo que nos cabe viver, reconhecendo a dignidade de cada pessoa humana, possamos fazer renascer, entre todos, um anseio mundial de fraternidade. Entre todos: “Aqui está um ótimo segredo para sonhar e tornar a nossa vida uma bela aventura. Ninguém pode enfrentar a vida isoladamente (...); precisamos duma comunidade que nos apoie, que nos auxilie e dentro da qual nos ajudemos mutuamente a olhar em frente. Como é importante sonhar juntos! (...) Sozinho, corres o risco de ter miragens, vendo aquilo que não existe; é juntos que se constroem os sonhos”. Sonhemos como uma única humanidade, como caminhantes da mesma carne humana, como filhos

desta mesma terra que nos alberga a todos, cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos (8).

3. A realidade de pessoas LGBT e os “sinais dos tempos”

Como se vê, trata-se de um fenômeno ao mesmo tempo histórico, social e político expressivo, que tem revelado a força de sua presença, a reivindicação de seus direitos e, inclusive, a pertença à sua fé. Por este motivo, trata-se também de um acontecimento eclesial (uma vez que é protagonizado por batizados e batizadas), de um “lugar teológico”, ou seja, de uma realidade que precisa ser lida teologicamente, que chama a atenção da Igreja e que exige dela um olhar acurado, solícito e aberto a uma certa desinstalação. Sim, porque frequentemente, quando o assunto é homossexualidade, o discurso eclesial tende a repetir o conteúdo e a retórica oficiais, segundo os quais esta condição é encarada como um problema, como uma “condição intrinsecamente desordenada”. De acordo com Jon Nilson: “As descobertas, ainda que sujeitas a revisão, de exegetas, psicólogos, sociólogos, filósofos morais e teólogos, bem como a experiência de lésbicas e gays e suas famílias, não têm nenhum impacto sobre a doutrina” (Nilson, 2005, p. 102).

Pode-se, portanto, insistir na pergunta: o que significa esse dado para a Igreja? O que ela tem a dizer à comunidade LGBT, especialmente ao número incontável de seus filhos e filhas espalhados pelo globo que, apesar de frequentemente incompreendidos, marginalizados e até rechaçados de suas comunidades eclesiais, insistem em pertencer à Igreja e a considerarem sua casa, seu refúgio? Não seria a situação concreta de pessoas LGBT também parte daquilo que na tradição mais recente da Igreja foi chamando de “sinais dos tempos”?

É útil esclarecer que o presente artigo não tem a intenção de desenvolver o debate epistemológico em torno da noção de “sinais dos tempos”. O escopo aqui é mais modesto. Trata-se de apresentar a realidade de pessoas LGBT, nomeadamente aquelas pertencentes aos grupos católicos da diversidade, como um fenômeno concreto que reclama o olhar atento da Igreja – “perita em humanidade” –, no espírito do Concílio Vaticano II, e sua atenção às “periferias existenciais”, do Papa Francisco.

Como já acenado na primeira seção, no Evangelho de Mateus, Jesus utiliza a expressão “sinais dos tempos” em sua discussão com fariseus

e saduceus, quando estes pedem dele um sinal que lhes mostre que de fato ele é o Messias. Cristo ironiza, dizendo que eles sabem distinguir as manifestações meteorológicas, mas que não têm capacidade para distinguir os “sinais dos tempos”, ou seja, os sinais messiânicos (Mt 16,3). Evangelizar os pobres, proclamar a remissão aos presos, devolver a vista aos cegos, restituir a liberdade aos oprimidos e proclamar um ano de graça do Senhor (Lc 4,18-19) fazem parte do programa messiânico de Jesus. Um programa bastante diferente do paradigma legalista e moralista praticado por seus interlocutores mais devotos, conforme já se acenou acima, e que os impedia de enxergar em Jesus o cumprimento de toda Lei e dos Profetas.

Nos últimos tempos, o Concílio Vaticano II (1962-1965) foi a maior expressão de uma abertura eclesial sem precedentes e do desejo de se estabelecer um diálogo fecundo com o mundo. O Papa João XXIII, através da Constituição Apostólica *Humanae Salutis*, usa a expressão “sinais dos tempos” num tom de esperança e de escuta atenta diante dos desafios que se impõem à igreja e à humanidade.⁸ Por meio deste termo, João XXIII manifestava o anseio por uma paz duradoura e despertava os sentidos da Igreja para que estivessem atentos aos valores espirituais que emergiam no meio de uma multidão de seres humanos dilacerados por guerras sangrentas e profundamente amedrontados diante de seu poder de autodestruição.

A teologia que emerge deste grande evento eclesial, longe de ser uma reflexão essencialista, é uma teologia também indutiva, que considera a realidade concreta da humanidade (com suas agruras e belezas, com suas luzes e sombras) e que busca um diálogo fecundo com as grandes correntes da filosofia contemporânea e com as ciências modernas. O mundo deixa de ser encarado como sendo o *habitat* do mal. Reconhece-se também os valores presentes no mundo, há uma relação dialogal e misteriosa entre história e Revelação. Como bem o confirma Suess, referindo-se ao *Papa bom*:

Com o paradigma st. (*sinais dos tempos*), João XXIII introduziu a Igreja no contexto histórico contemporâneo dos anos 1960. Interpretou esses sinais como metáfora que propõe a escuta atenta não de uma voz ameaçadora que anuncia o fim do mundo, mas da voz de Deus na realidade histórica de hoje. Os st. contextualizam a revelação apostólica. “Deus

8. Cf. JOÃO XXIII, Constituição Apostólica *Humanae Salutis*, §4.

continua a manifestar-nos sua vontade nos fatores da História, todavia não separadamente, ao lado da Revelação em Cristo, mas em união com ela” (Haring p. 625). A relação entre história e Revelação é dialogal e misteriosa. (Suess, 2015, p. 896-897 – grifo nosso)

Neste mesmo sentido, a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (GS) “sobre a Igreja no mundo de hoje” se destaca como um documento conciliar que rompe com o estilo frequentemente desencarnado e impositivo dos documentos eclesiais, até então. Logo de início assume um tom empático e solidário frente aos desafios e sofrimentos da humanidade:

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração (GS, 1).

Ora, o fenômeno LGBT é uma realidade humana, é um fato histórico. Representados nesta sigla estão rostos concretos, vidas humanas palpáveis e histórias muitas vezes marcadas pelo preconceito, pela violência e pela exclusão. Não encontraria eco no coração dos discípulos de Cristo também os dramas, questionamentos e solidão destas pessoas, boa parte delas membros da Igreja pelo batismo? Sua voz não seria também a voz de Deus, precisamente do Cristo encarnado na história?

A *Gaudium et Spes*, quando fala da “condição do homem no mundo de hoje”, conclama a Igreja a estar atenta aos “sinais dos tempos” para interpretá-los à luz do Evangelho, “para que assim possa responder, de modo adaptado a cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas” (GS, 4).

Francisco também lançará mão da expressão “sinais dos tempos” em várias ocasiões de seu pontificado, sempre conectando os grandes problemas enfrentados pela humanidade – tais como a situação dos imigrantes e refugiados, a realidade degradante do meio ambiente, a violência, as injustiças sociais, a economia que prioriza o mercado e tantos outros – à necessidade de a Igreja contribuir – como sinal do Reino que é – no enfrentamento destas contradições humanas. Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (EG), por exemplo, o Santo Padre afirma, assumindo para si as palavras de Paulo VI: “Não é função do Papa oferecer uma análise detalhada e completa da realidade contemporânea, mas animo todas as comunidades a ‘uma capacidade sempre vigilante de estudar os sinais dos tempos’” (EG, 51).

Francisco, porém, cunha uma outra expressão que estará frequentemente em seus discursos e reflexões. Trata-se do termo “periferias existenciais”. Logo no início de seu pontificado, quando, pela Bula *Misericordiae Vultus* (MV), proclama o Jubileu Extraordinário da Misericórdia, exorta todos a fazerem “a experiência de abrir o coração àqueles que vivem nas mais variadas periferias existenciais, que muitas vezes o mundo contemporâneo cria de forma dramática” (MV, 15). Esta convocação é para que se abra o coração para “ver as misérias do mundo, as feridas de tantos irmãos e irmãs privados da própria dignidade”, cujo grito desafia a Igreja a ouvir e a ajudar.

Acredita-se, neste trabalho, que o sumo pontífice tem consciência e se preocupa com a situação de muitos membros da comunidade LGBT, que frequentemente vivem numa verdadeira “periferia existencial”, mergulhados na solidão e à mercê do preconceito e da violência homofóbica presentes em muitos ambientes de nossa sociedade. Não é o caso de todos, claro. Diante de uma maior acolhida e reconhecimento desta comunidade em diversos contextos, muitos têm conseguido espaço, expressão e posições de destaque nas sociedades. Infelizmente, porém, por se tratar ainda de um tema-tabu e objeto de acentuado preconceito, a grande maioria de seus membros enfrenta todo tipo de agressão (incluindo a psicológica) e marginalização (sobretudo negros e pobres).

Ambientes familiares e religiosos não raras vezes se tornam espaços sufocantes de LGBTfobia. A título de ilustração, o filme “Orações por Bob” é emblemático da “periferia existencial” habitada por inumeráveis pessoas LGBT. Trata-se de uma obra cinematográfica adaptada do livro “Prayers for Bobby: A Mother’s Coming to Terms with the Suicide of Her Gay Son”, de Leroy F. Aarons, que narra a história real de Bob Griffith, um jovem gay que se suicidou em 1983:

Por quase quatro anos ele sofreu pressão de sua família para deixar sua homossexualidade. Sua mãe, religiosa fervorosa, não admitia a homossexualidade do filho, a qual denominava de doença, ou aberração, e contra a qual usava a Bíblia para respaldar seus preconceitos.⁹

Sua mãe, Mary Griffith (1934-2020), após o suicídio do filho, se arrependeu de seu comportamento intolerante e se tornou uma ativista pela defesa da comunidade LGBT. Conforme mostra o filme, oito

9. DU BOIS (Ed.), A história real por trás de Orações Para Bobby.

meses após a morte de Bob, numa reunião do conselho do condado sobre a celebração de um dia para a liberdade gay, dentre outras palavras comoventes, ela declara:

Quando ele me disse que era homossexual, meu mundo caiu. Eu fiz tudo que pude para curá-lo de sua “doença”. Há oito meses, meu filho pulou de uma ponte e se matou. Eu me arrependo amargamente de minha falta de conhecimento sobre gays e lésbicas. Percebo que tudo o que me ensinaram e disseram era odioso e desumano. Se eu tivesse investigado além do que me disseram, se eu tivesse simplesmente ouvido meu filho quando ele abriu o coração para mim..., eu não estaria aqui hoje, com vocês, plenamente arrependida.¹⁰

Certamente, é contra o preconceito e a hipocrisia que geram verdadeiras “periferias existenciais” e, por consequência, situações de morte – tais como esta ilustrada pela história de Bob – que o Papa Francisco tem levantado sua voz e combatido de forma heroica e profética. Somente um pastor profundamente sensível diante da condição humana e excepcionalmente consciente da hipocrisia à qual a Igreja pode sucumbir poderia expressar-se como ele o fez no número 305 da *Amoris Laetitia* (AL):

[Por isso], um pastor não pode sentir-se satisfeito apenas aplicando leis morais aos que vivem em situações “irregulares”, como se fossem pedras que se atiram contra a vida das pessoas. É o caso dos corações fechados, que muitas vezes se escondem atrás dos ensinamentos da Igreja “para se sentar na cátedra de Moisés e julgar, às vezes com superioridade e superficialidade, os casos difíceis e as famílias feridas”.

Não é à toa que, a exemplo de Jesus, se pode classificá-lo como um “sinal de contradição”. É o assunto do próximo tópico.

4. Papa Francisco, um sinal de contradição

Como já se referiu acima – ao se falar do aumento na participação dos grupos LGBT após a eleição de Jorge Bergoglio –, um sinal ainda maior de esperança e de abertura para estes fiéis católicos tem sido dado ultimamente pela autoridade máxima da Igreja Católica: o Papa Francisco. No dia 28 de julho de 2014, no voo de regresso do Rio de Janeiro, após a conclusão da Jornada Mundial da Juventude, depois de ter sido questionado pela jornalista brasileira Ilze Scamparini sobre o suposto *lobby* gay no Vaticano, o Papa Francisco afirmou:

10. *Idem*.

Escreve-se tanto sobre o *lobby* gay. Ainda não encontrei ninguém no Vaticano, que me tenha dado um documento de identidade em que esteja escrito “gay”. Penso que, quando alguém se encontra com uma pessoa assim, deve distinguir entre o fato de se tratar de uma pessoa gay e o fato de ela fazer *lobby*, porque nenhum *lobby* é bom. Isso é uma coisa ruim (Foli, 2017, p. 24).

Em seguida, Francisco provocaria uma onda de reações de todo o tipo no mundo inteiro ao se expressar como nunca um papa se expressou em relação às pessoas de orientação homossexual: “Se uma pessoa é gay e procura o Senhor e tem boa vontade, quem sou eu para julgá-la?” Após citar o Catecismo da Igreja Católica, o Papa exorta à não marginalização dos homossexuais, e acrescenta: “O problema não é ter essa orientação, não; devemos ser irmãos. O problema é fazer *lobby* dessa orientação; *lobby* de gananciosos, *lobby* de políticos, *lobby* dos maçons, tantas variedades de *lobby*. Para mim, esse é o problema mais grave” (Foli, 2017, p. 24).

Foi a primeira vez na história que um papa expressou publicamente a palavra “gay” indicando as pessoas que não se enquadram nos padrões heterossexuais que vigoram nas sociedades em geral e com uma conotação positiva, conforme atesta o Pe. Luís Correa Lima.¹¹ Foi também em 2018, dentro do contexto de preparação para o sínodo da juventude, ocorrido entre os dias 3 a 28 de outubro de 2018, que, pela primeira vez, numa declaração oficial da Igreja, se cita a sigla LGBT. O tom é de escuta e de solicitude para com esta população, que também compõe as comunidades católicas espalhadas pelo mundo. Assim se expressa o documento:

Alguns jovens LGBT, por meio das várias contribuições enviadas à Secretaria do Sínodo, desejam “beneficiar-se de uma maior proximidade” e experimentar uma atenção maior por parte da Igreja, enquanto algumas Conferências Episcopais perguntam-se sobre o que propor “aos jovens que, em vez de formar casais heterossexuais, decidem constituir casais homossexuais e, acima de tudo, desejam estar perto da Igreja”.¹²

O fato de se testemunhar um documento como este e de se ouvir do Papa: “o problema não é ter essa orientação, não; devemos ser irmãos”,

11. Cf. BALLOUSSIER, Católicos LGBT organizam movimento para reivindicar mais espaço na Igreja.

12. DECIMA QUINTA ASSEMBLEIA GERAL ORDINARIA DO SINODO DOS BISPOS. *Intrumentum laboris*.

revela uma revolução no modo de abordar a diversidade sexual por parte da Igreja, uma vez que tal diversidade, como já se acenou acima, foi sempre encarada como um problema (cf. Lexicon, 2007, p. 475), como uma “condição intrinsecamente desordenada”¹³ (no caso da homossexualidade), em sua linguagem oficial. O simples fato de se citar o nome “gay” ou de se mencionar num documento eclesial a sigla “LGBT” (sem tons de condenação), já é uma forma de se reconhecer sua presença e sua força, não somente na sociedade, como um todo, mas também na Igreja.

Se as palavras de Francisco surpreendem, muito mais seus gestos. Em janeiro de 2015, por exemplo, o Papa recebeu em sua casa a visita do transexual espanhol Diego Neria, acompanhado de sua companheira Macarena.

Conforme atesta o Pe. Luís Correa Lima, o percurso histórico de Diego “é emblemático da condição transexual, do preconceito feroz e do seu enfrentamento”.¹⁴ Sentindo-se preso num corpo de mulher (por sentir-se homem), ele esperou o falecimento de sua mãe para iniciar o processo transexualizador. De família católica praticante, qual não foi sua dor ao ser hostilizado no meio de sua própria comunidade eclesial. Conforme atesta Hernández, o rechaço social e a condenação da Igreja o impediram de desfrutar de sua nova condição: “Como te atreves a entrar aqui com sua condição? Não és digno”, lhe disseram alguns de comunhão diária, quando Diego voltou à sua igreja. ‘És filha do diabo’, escutou um dia em plena rua da boca de um padre”.¹⁵

Felizmente, teve o apoio do bispo de sua diocese, que o reconfortou e o animou. A partir das palavras e dos gestos de Francisco, Diego tomou coragem e lhe escreveu. O Papa, pouco tempo depois o recebeu, juntamente com sua companheira: “Nunca antes me teria atrevido, mas com Papa Francisco, sim; depois de ouvi-lo em muitas intervenções, senti que ele me escutaria”.¹⁶ E escutou.

De acordo com o Pe. Luís Correa Lima, “outros encontros com LGBT ocorreram, como uma visita a um presídio na Itália, em que o

13. CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. Instrução sobre os critérios de discernimento vocacional acerca das pessoas com tendências homossexuais e da sua admissão ao seminário e às ordens sacras.

14. LIMA, Os LGBTs, o Papa e a Família.

15. HERNÁNDEZ, El bendito encuentro entre Francisco y Diego.

16. *Idem*.

Papa teve uma refeição à mesa na companhia de presos transexuais”.¹⁷ Recentemente, em meados de setembro de 2020, Francisco acolheu um grupo de pais de filhos LGBT, da associação italiana “Tenda di Giornata”. A vice-presidente da associação, Maria Grassi, cujo filho é homossexual, recebeu com imensa alegria as palavras do pontífice: “O papa ama seus filhos como eles são, porque são filhos de Deus.”¹⁸ Esses são apenas alguns exemplos.

Todas estas palavras e posturas pastorais de Francisco são um sinal de esperança e de abertura para os católicos LGBT, já que sinalizam uma possível mudança paradigmática na forma como a Igreja encara a diversidade em seu seio. Evidentemente, por estar atento aos “sinais dos tempos” e por se colocar à escuta dos membros LGBT, que frequentemente se encontram mergulhados em verdadeiras “periferias existenciais”, o Papa Francisco, a exemplo de Jesus, tem se tornado um sinal de contradição e tem pagado um preço caro frente a uma corrente eclesial tradicionalista, que insiste em fundamentar qualquer ensinamento sobre a moralidade sexual única e exclusivamente a partir da tradição, sem considerar que esta também é influenciada pela historicidade (Cf. Salzman; Lawler, 2012, p. 35).

5. Desafios e possibilidades

Como já se afirmou acima, nos últimos tempos, o Concílio Vaticano II foi a maior expressão de abertura eclesial e do desejo de se estabelecer um diálogo fecundo com o mundo. Desde aquela época, porém, não faltam segmentos dentro da Igreja que veem, nesta abertura e em posturas pastorais em maior sintonia com as alegrias, esperanças e dores da humanidade, uma grande ameaça para a unidade eclesial. Normalmente são chamados de “ala conservadora” da Igreja ou de “tradicionalistas”.

Atualmente, se o número dos ditos “tradicionalistas”, que se opõem ao Concílio Vaticano II e ao próprio Papa Francisco (considerado por muitos um papa “progressista”), não impressionam pelo número, não deixam de surpreender pelo barulho que fazem, de modo especial nas redes sociais.

17. LIMA, Os LGBTs, o Papa e a Família.

18. MOIA, Papa Francesco ai genitori.

Tal tendência tradicionalista tem se tornado um grande obstáculo para o diálogo e para a escuta da comunidade LGBT, uma vez que seus membros frequentemente são hostilizados por esta corrente eclesial (sobretudo se assumem e expressam sua condição sexual) e, quando muito, encarados como pessoas portadoras de uma anomalia, dignas de pena e, no máximo, “pecadores” a serem tolerados e acolhidos (se não praticarem sua “condição intrinsecamente desordenada”).

Mas o que seria esse tradicionalismo? Qual sua diferença em relação ao conservadorismo? Quais as principais características desta tendência eclesial? O historiador e doutor em Ciência de Religião, Rodrigo Coppe Caldeira, ao tratar sobre o assunto, busca elucidar o significado deste termo na atualidade. Segundo ele:

Atualmente, entende-se tradicionalismo como um tipo-ideal para caracterizar alguns grupos no orbe católico e que, especialmente, distanciam-se das determinações do *Concílio Vaticano II*, interpretado como uma ruptura com a tradição da Igreja Católica. Opõem-se ao *Missal de Paulo VI* (1969), negam a concepção conciliar sobre a questão da liberdade religiosa, tendo como principal apoio as encíclicas e documentos pontifícios do século XIX e início do XX, como o *Syllabus Errorum Modernorum* e as encíclicas *Mirari vos arbitramur* e *Quanta Cura* e defendem com fervor o primado do Papa.¹⁹

Nas palavras de Coppe Caldeira, citando o sociólogo húngaro Karl Mannheim: “o tradicionalismo é uma tendência humana, um ‘conservadorismo natural’ de todos os homens, já que todos eles visam conservar, o mínimo que seja, seu mundo de significados”. Ainda conforme Coppe Caldeira, Karl Mannheim conceitua o “tradicionalismo” como uma “atitude psicológica geral que se expressa em diferentes indivíduos como uma tendência a agarrarem-se ao passado e como um medo de inovações”.²⁰ No que se refere ao “conservantismo”, ou “conservadorismo”, nesta visão de Mannheim, este seria um “tradicionalismo tornado consciente” ou, como explica Coppe Caldeira, “um movimento consciente e reflexivo desde o início, surgindo como oposição a um movimento progressista sistemático e coerente, dotado de organização”.²¹

19. CALDEIRA, Tradicionalismo e conservadorismo católicos. Conferir também BIROLI et al, *Gênero, neoconservadorismo e democracia*, p. 23-40.

20. CALDEIRA, Tradicionalismo e conservadorismo católicos.

21. *Idem*.

Poderia-se dizer ainda que o conceito de conservadorismo é mais amplo que o de tradicionalismo, já que caracteriza “a postura geral de escolher conservar como regra, mesmo que não se fixe em um determinado modelo do passado, como no caso do tradicionalismo” (Passos, 2002, p. 39). A pessoa conservadora pode muito bem rejeitar uma mudança apegando-se ao presente (desejando perpetuar um regime), ao contrário do tradicionalista “que cria sempre um modelo do passado como referência, via de regra, estruturado por conteúdos dogmáticos religiosos” (Passos, 2020, p. 39).

O “mundanismo espiritual”, ao qual faz menção o Papa Francisco, refere-se a um estilo de catolicismo tradicionalista, tal como está sendo analisado aqui. Tanto na *Evangelium Gaiudium* (94) quanto na *Gaudete et Exsultate* (47-62), o Papa Francisco denuncia aquilo que chama de gnosticismo e de neopelagianismo autoreferencial. Em outras palavras, o bispo de Roma desmascara uma prática católica “que se esconde por detrás de aparências de religiosidade e até mesmo de amor à Igreja”, mas que busca a própria glória, os próprios interesses e não “a glória do Senhor” (EG, 93). Assim continua o Santo Padre:

Este mundanismo pode alimentar-se sobretudo de duas maneiras profundamente relacionadas. Uma delas é o fascínio do gnosticismo, uma fé fechada no subjetivismo, onde apenas interessa uma determinada experiência ou uma série de raciocínios e conhecimentos que supostamente confortam e iluminam, mas, em última instância, a pessoa fica enclausurada na imanência da sua própria razão ou dos seus sentimentos. A outra maneira é o neopelagianismo autoreferencial e prometeuco de quem, no fundo, só confia nas suas próprias forças e se sente superior aos outros por cumprir determinadas normas ou por ser irredutivelmente fiel a um certo estilo católico próprio do passado. É uma suposta segurança doutrinal ou disciplinar que dá lugar a um elitismo narcisista e autoritário, onde, em vez de evangelizar, se analisam e classificam os demais e, em vez de facilitar o acesso à graça, consomem-se as energias a controlar. Em ambos os casos, nem Jesus Cristo nem os outros interessam verdadeiramente. São manifestações dum imanentismo antropocêntrico. Não é possível imaginar que, destas formas desvirtuadas do cristianismo, possa brotar um autêntico dinamismo evangelizador. (EG, 94).

Não é o caso aqui de aprofundar as origens do tradicionalismo. Por ora basta dizer que ele remonta aos embates da Igreja com a modernidade (de modo especial a partir do século XVIII) e que tem ganhado

expressão nos tempos atuais, particularmente com o dinamismo comunicacional proporcionado pelas redes sociais.²²

Vale lembrar que após o Concílio Vaticano II, alguns grupos de tradicionalistas tornaram-se dissidentes, outros, porém, apesar de suas reservas quanto às mudanças ocorridas na Igreja, por conta do Concílio, permaneceram em comunhão com Roma. Pode-se citar aqui a Associação Cultural Montfort e os Arautos do Evangelho. Nos dias de hoje, estes grupos, juntamente com outros segmentos tradicionalistas da Igreja, se mostram reticentes quanto ao ministério pastoral de Francisco (quando não numa atitude de ataque), alguns de modo explícito outros de maneira sutil.

Segundo Jorge Alexandre Alves, as correntes mais conservadoras do catolicismo têm “saído do armário” especialmente desde 2016.²³ Este “sair do armário” significa para o autor a proliferação de manifestações de resistência e combate contra pessoas, grupos e até entidades oficiais da Igreja (tais como a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), que se portam de modo contrário ao que supõem ser a “verdadeira tradição da Igreja”. Após citar alguns episódios no Brasil que marcam este “sair do armário” – precisamente a celebração pela alma de Dona Marisa, viúva do ex-presidente Lula; a campanha difamatória contra a CNBB a partir de 2018 e o assassinado da vereadora Marielle Franco e de seu motorista Anderson Gomes –, Alves afirma que em toda campanha difamatória desses segmentos pode-se constatar, dentre os vários elementos em comum, “a presença de grupos e lideranças católicas distorcendo os fatos”, atacando de forma bastante agressiva no ambiente digital as pessoas envolvidas nestes eventos, quer se trate de gente viva, ou de organismos oficiais da Igreja, ou ainda de uma pessoa executada (no caso a vereadora Marielle Franco): “Reproduzem as chamadas ‘fake news’ sem checar suas fontes e sem respeitar os princípios mais básicos da piedade cristã, propagando ódio, calúnias e inverdades”.²⁴

Ainda segundo Alves, longe de se apresentar como um bloco compacto e homogêneo, o que se tem são diversos grupos unidos por percepções da realidade muito próximas, marcadas por intolerância e agressividade, “a ponto de poderem ser comparáveis aos talibás afegãos”. O

22. Cf. PASSOS, *A força do passado na fraqueza do presente*, p. 38-42.

23. Cf. ALVES, *As novas (velhas) faces do conservadorismo católico*.

24. *Idem*.

Autor os chama de “catolibãs”.²⁵ Além da postura agressiva estampada nas redes – sempre conforme Alves –, ainda sustentam uma visão de que a esquerda do Brasil é inteiramente formada por comunistas, revelando “uma compreensão tosca e anacrônica de nossa conjuntura política, porque fica parecendo que voltamos à década de 50 do século passado, no auge da Guerra Fria”.²⁶ Também reside neles a ideia de que ser “de esquerda” é obrigatoriamente ser anticatólico.

Negam-se ao diálogo quanto a muitas temáticas da moral cristã, tais como a comunhão para casais de segunda união, bem como questões relacionadas à teoria de gênero, comumente chamada de “ideologia de gênero”, no contexto eclesial.²⁷ Alves enfatiza ainda “o ódio à Teologia da Libertação”, onde grupos, pastorais e movimentos que se identificam com esta perspectiva pastoral são hostilizados, perseguidos e difamados no universo digital. Frequentemente são tratados como hereges ou como “células comunistas dentro da Igreja”. Desafortunadamente, tais posturas, em nada cristãs, são legitimadas e potencializadas quando sustentadas por um clero, cuja formação teológica alimenta preconceitos e reforça “uma certa ‘catequese pela qual se transmite para os fiéis uma visão enviesada a respeito desta perspectiva teológico-pastoral’”,²⁸ ou seja, da Teologia da Libertação.

Alves cita ainda aquilo que ele chama de “neointegrismo católico”, formado por grupos e indivíduos que, em detrimento dos ensinamentos

25. *Idem*.

26. *Idem*.

27. Embora a discussão seja ampla e complexa em torno destas expressões, pode-se dizer o que se segue: Sara Salih atesta que “tanto Butler quanto Beauvoir afirmam que o gênero é um processo que não tem origem nem fim, de modo que é algo que ‘fazemos’ e não algo que ‘somos’ [...]”. Butler afirma, antes de mais nada, que “todo gênero é, por definição, não natural”, para então começar a desfazer a conexão entre sexo e gênero que muitos acreditam ser inevitável [...]. Butler se afasta da suposição comum de que sexo, gênero e sexualidade existem numa relação necessariamente mútua, de modo que, por exemplo, se alguém é biologicamente fêmea, espera-se que exiba traços ‘femininos’ e (num mundo heteronormativo, isto é, num mundo no qual a heterossexualidade é considerada a norma) tenha desejo por homens. Em vez disso, Butler declara que o gênero é ‘não natural’; assim, não há uma relação necessária entre o corpo de alguém e o seu gênero” (SALIH, 2015, p. 66-67). Conferir também BIROLI et al, *Gênero, neoconservadorismo e democracia*, p. 17-18. A Igreja, em seu ensinamento oficial combate estas premissas e lança mão da expressão “ideologia de gênero” para identificar uma corrente de pensamento que postula o seguinte: “ser homem ou mulher não estaria determinado fundamentalmente pelo sexo, mas pela cultura”. Neste sentido, “gênero” é um conceito antissubstancialista com o qual se pretende ‘derrotar a metafísica da identidade’ e, consequentemente, livre de qualquer regulação ontológica, torna-se ferramenta útil para ‘libertar’ o desejo humano das amarras da racionalidade”. Com isso se atacaria as próprias bases da família e das relações interpessoais (Cf. CNBB, *Homem e mulher os criou*, p. 18).

28. ALVES, As novas (velhas) faces do conservadorismo católico.

e posturas do Papa Francisco, se revestem de posições político-religiosas que remontam à época anterior ao Concílio Vaticano II, no tempo em que Pio XII era papa. Segundo Alves, “não são numerosos, mas fazem bastante barulho pelas redes sociais e parecem ter cada vez mais seguidores”. Por fim, Jorge Alexandre cita “setores radicalizados do pentecostalismo católico”, bem como figuras midiáticas leigas e clericais que “estão na contramão dos ensinamentos de Francisco”.²⁹

Tamanha intolerância religiosa, amparada por um tradicionalismo exacerbado, ganha ainda mais força no atual contexto social e político brasileiro, marcado por uma administração confusa, que flerta com ideologias totalitárias (o que é piorado pela grave pandemia mal gerida da Covid-19). Nesse sentido, basta ler os jornais nos últimos meses e constatar a presença e o apoio do atual presidente da república, Jair Bolsonaro, em plena pandemia, a manifestações que defendem o fechamento do Congresso, bem como do STF e a volta da ditadura.³⁰

Percebe-se ainda neste contexto uma flagrante instrumentalização da religião para fins espúrios. Em outras palavras, há um gritante contraste entre o pretensioso discurso religioso do atual presidente da república (que se diz cristão católico e cujo lema é “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”) e suas manifestações homofóbicas, misóginas, xenofóbicas, racistas, ditatoriais, abundantemente divulgadas tanto pela grande mídia, quanto pelas alternativas, bem como pelas redes sociais e, incredivelmente apoiadas por cristãos de vários seguimentos, inclusive católicos (normalmente ligados aos grupos citados acima).

Toda agressividade que ecoa de tais tendências tradicionalistas é ainda mais nefasta quando fomentada – ora discretamente, ora descaradamente – por pessoas muito influentes na Igreja, tais como teólogos, padres, bispos e até cardeais. Certamente estas lideranças religiosas acabam colocando ainda mais “lenha na fogueira” da oposição ao Papa Francisco. Em 2016, por exemplo, na sequência da divulgação da Exortação Apostólica Pós-sinodal *Amoris Laetitia*, os cardeais Walter Brandmüller, Raymond L. Burke, Carlo Caffarra e Joachim Meisner endereçaram uma carta ao Papa Francisco intitulada “Dubia”,³¹ solicitando ao sumo pontífice que

29. *Idem*

30. Cf. MACHADO; FABRINI, Ato antidemocrático com Bolsonaro teve ajuda de assessores e ex-auxiliares de políticos.

31. BRABDNÜLLER; BURKE; CAFFARRA; MEISNER, [Carta ao Papa Francisco].

esclareça cinco pontos do documento, nomeadamente no que se refere ao capítulo VIII da AL, entre os números 300 a 305. De fato, trata-se de parágrafos ponteados por um paradigma muito mais existencial, pastoral e dinâmico, do que por um arquétipo legalista, essencialista e estático. O próprio título dessa oitava seção denota o modelo pastoral do sumo pontífice: acompanhar, discernir e integrar a fragilidade (AL, 291-312). Vale a pena mencionar novamente o número 305, por revelar explicitamente este novo paradigma fomentado pelo Papa Francisco:

[Por isso], um pastor não pode sentir-se satisfeito apenas aplicando leis morais aos que vivem em situações “irregulares”, como se fossem pedras que se atiram contra a vida das pessoas. É o caso dos corações fechados, que muitas vezes se escondem atrás dos ensinamentos da Igreja “para se sentar na cátedra de Moisés e julgar, às vezes com superioridade e superficialidade, os casos difíceis e as famílias feridas”. Por causa dos condicionalismos ou dos fatores atenuantes, é possível que uma pessoa, no meio de uma situação objetiva de pecado – mas subjetivamente não seja culpável ou não seja plenamente –, possa viver em graça de Deus, possa amar e possa também crescer na vida de graça e de caridade, recebendo para isso a ajuda da Igreja.

Contrastando com os cardeais acima está Walter Kasper, prelado muito próximo do magistério de Francisco. Cameron Doody, em uma reportagem justamente sobre Kasper, pontuará algumas de suas considerações sobre a *Amoris Laetitia*. Para este cardeal, detrás da tonalidade pastoral do documento vigora uma “postura teológica bem pensada”. Nela, o *Papa* “respeitou o sentir da maioria de dois terços do *Sínodo sobre a Família*”. Ainda segundo Kasper, no caso de ter ficado alguma “confusão” após as interpretações “semi-oficiais” que continuam sendo disseminadas no meio eclesial, esta confusão foi ocasionada por “terceiros” que “se afastaram” do *sensus fidei* e da vida concreta do povo de Deus. Na opinião deste prelado, conforme atesta Doody, com a exortação apostólica *Amoris Laetitia*, Francisco “tem o sentido da fé da grande maioria dos fiéis ao seu lado”.

“O documento não muda uma única vírgula da doutrina”, acrescenta Kasper, “mas a muda inteiramente”. O cardeal dá a entender que o ponto de partida do documento não é a lei, a norma, mas a vida concreta das pessoas, suas vivências mergulhadas em tantos dramas e ambiguidades. Segundo ele, a vida humana não se restringe ao “preto e branco”, mas assume também tons cinzentos, “diferentes matizes e sombras”.

No que se refere à moral sexual, Kasper reitera que a chave da exortação apostólica *Amoris Laetitia* se encontra em “sua maneira realista, aberta e relaxada de abordar a sexualidade e o erotismo”, que não pretende “nem doutrinar nem moralizar”. “Tomando-a com pinças”, continua Kasper, “pode-se dizer que a *Amoris Laetitia* se distancia da visão agostiniana principalmente negativa sobre a sexualidade e se volta para uma perspectiva tomista positiva sobre a criação”.³²

Oposição mais atual e ainda mais grave ao Santo Padre foi manifestada por um grupo de estudiosos e padres católicos que redigiram uma carta aberta ao colégio dos bispos, acusando o Sumo pontífice de “delito canônico de heresia”.³³ Tal missiva foi divulgada pelo site americano católico conservador *LifeSiteNews* e aponta, entre outros, o Papa Francisco como alguém que não considera a atividade homossexual como algo pecaminoso, que não fala o suficiente contra o aborto, que se mostra favorável à comunhão aos casais de segunda união e que se revela muito condescendente em relação a protestantes e mulçumanos.³⁴ Vários prelados, nomeados cardeais por Francisco ou escolhidos por ele para serviços importantes na Igreja, são acusados – na carta – de serem homossexuais ativos e/ou apologistas da atividade homossexual, recaindo sobre o Papa, portanto, a acusação de que ele os protege.³⁵

Os autores da dita carta tomam como referência o Concílio de Trento, vários textos bíblicos, alguns documentos de João Paulo II, bem como documentos mais antigos da Igreja. O Concílio Vaticano II é completamente desprezado e qualquer diálogo com cultura e ciência está fora de cogitação.

Tal posição de resistência não deixa de ser complexa e desafiadora, mas, ao mesmo tempo, pode apontar para grandes avanços para a moral sexual, uma vez que certamente nunca, como nos tempos atuais, a Igreja tenha sido tão confrontada pela questão da diversidade sexual e, talvez, nunca como nos dias de hoje ela tenha sido tão interpelada a dar respostas às questões LGBT, não somente a partir de sua autoreferencialidade

32. Os últimos três parágrafos estão baseados em DOODY, “A *Amoris Laetitia* não muda uma única vírgula da doutrina; no entanto, muda tudo”.

33. BUSCEMI, Open-Letter-to-the-Bishops-of-the-Catholic.

34. Cf. FERRAZ, Carta que acusa papa de heresia intensifica guerra santa na Igreja.

35. Assim afirmam, num trecho da carta: “Francis has protected and promoted homosexually active clerics and clerical apologists for homosexual activity”.

(a partir de textos bíblicos lidos de modo literal, a partir dos Padres da Igreja e de autores cristãos que não tinham acesso a conhecimentos que hoje se tem), mas perscrutando também a vida concreta das pessoas LGBT, bem como contando com a ajuda da medicina, da biologia, da psicologia, da sociologia, e de tantos outros campos do saber.

Vale também destacar que cresce o número de católicos LGBT que reivindicam seu direito de participar ativamente da comunidade (como se constatou acima), sendo reconhecidos e acolhidos como quaisquer outros membros da Igreja, sem precisar negar sua condição sexual e sem se submeter a uma espécie de celibato compulsório para acessar aos sacramentos.

Da mesma forma, aumenta o número de estudiosos (LGBT ou não) que se esmeram nos estudos de Teologia, nomeadamente das Sagradas Escrituras, oferecendo novas chaves de leitura quando o assunto é, por exemplo, a homossexualidade. A título de ilustração, os teólogos Todd A. Salzman e Michael G. Lawler, ambos professores do Departamento de Teologia da Universidade de Creighton, EUA, afirmam que “a circunstância sócio-histórica – isto é, a historicidade – tem um papel ativo na correta tradução, interpretação e inculturação da Palavra de Deus bíblica”. Dizem o mesmo em relação a ensinamentos de teólogos católicos consagrados, tais como Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino (cf. Salzman; Lawler, 2012, p. 35).

As novas descobertas da ciência, particularmente nos campos acima citados, provocam as posições oficiais da Igreja e chamam a atenção para a necessidade de um diálogo mais profícuo entre estas instâncias. O reconhecimento e a acolhida por parte de outras comunidades cristãs, especialmente algumas Igrejas de Comunhão Anglicana, bem como algumas denominações evangélicas, a membros da comunidade LGBT, também interpelam a consciência eclesial católica.

Por fim, muitos sacerdotes, religiosos e religiosas (e até mesmo certos prelados), têm se mostrado mais sensíveis à questão da diversidade sexual, seja porque estão em constante contato com os sofrimentos e dramas vividos por pessoas da comunidade LGBT, seja porque reconhecem que se trata de uma realidade humana também bastante presente nas mais variadas esferas católicas.

Por tudo que se refletiu até aqui, Francisco parece estar entre estes últimos e se mostra bastante corajoso ao quebrar o silêncio sobre o assunto.

Ele não se deu ao trabalho de responder à tal carta de acusação e segue seu ministério buscando um entendimento e uma aproximação à realidade concreta das pessoas.

Para muitos, seu paradigma pastoral aqui explicitado não faz dele um papa “progressista”. Há quem se lamente (tanto dentro quanto fora do universo LGBT) daquelas que seriam as ambiguidades do sumo pontífice, sobretudo quando o assunto é diversidade sexual. Dito de outro modo, há quem se queixe do fato de o Papa Francisco se mostrar tão acolhedor em palavras e posturas pastorais, mas ao mesmo tempo, particularmente no campo da doutrina e da disciplina, sustentar posições consideradas bastante retrógradas.

Não se pode, porém, ignorar a força institucional milenar que pesa sobre seus ombros. De qualquer forma, Francisco se apresenta como um pontífice que busca não se esquivar de temas polêmicos, procurando encará-los com seriedade e humanidade. Seu paradigma pastoral privilegia pessoas concretas e não estruturas, já que “a realidade é mais importante do que a ideia” (EG, 231-233).

Considerações finais

Numa instituição milenar, como é o caso da Igreja Católica, qualquer proposta de mudança pode ser encarada com desconfiança e forte oposição por segmentos eclesiais, de modo especial por aqueles que compõem a ala tradicionalista da Igreja, ou que têm uma estrutura mental mais dogmatista que hermenêutica. Mas, valeria a pena se perguntar, ao final da presente reflexão: nesta história toda, quem está mais próximo do ensinamento e da prática de Jesus? Se se pudesse consultar o Mestre aqui e agora, quem seria digno de ouvir “servo bom e fiel”? E a quem caberia as ásperas e contundentes críticas de Jesus: “Hipócritas! Cegos, guias de cegos”? A cada leitor cabe tirar sua conclusão.

Francisco tem se destacado como um papa de uma espiritualidade profundamente enraizada no humano (não uma espiritualidade etérea e desencarnada), um pontífice ousado, visionário e realista. Seu paradigma muito mais pastoral, mais existencial que essencialista, tem mexido nas estruturas da Igreja.

Apesar de sustentar as posições do magistério, não propondo nenhuma mudança substancial na doutrina moral quanto à homossexualidade;

não obstante o fato – na mesma linha de seus antecessores – de, muitas vezes, tratar a questão como um “problema”, de modo especial quando o assunto é a ordenação sacerdotal de candidatos gays ou do número de clérigos homossexuais,³⁶ o Sumo Pontífice talvez se mostre – como se aventou acima – o papa mais realista, humano e o mais acolhedor em relação às pessoas LGBT na história da Igreja (ao menos a partir dos tempos modernos). Ele parece não ter medo de tratar do assunto e, na prática, como se pôde constatar aqui, diante de pessoas concretas, com seus dramas, desafios e alegrias, mostra-se pastor de todos e preocupado em acolher, acompanhar, discernir e integrar tais pessoas na comunidade cristã, o que não deixa de torná-lo, como Jesus, um sinal de contradição no seio da Igreja e do mundo.

Quem sabe, diante de tantos escândalos que obstaculizam a missão da Igreja de ser sal da terra e luz do mundo (Cf. Mt 5,13); quiçá, por trás de tantas críticas a ela vindas de fora;³⁷ talvez, subjacente à ousadia do Papa Francisco e de tantos homens e mulheres que se arriscam a “nadar contra a corrente”, não estejam latentes verdadeiros “sinais dos tempos” para o atual contexto eclesial. Quem sabe, por trás das realidades aqui analisadas não esteja o apelo implícito de Deus diante das mais variadas “periferias existenciais” (especialmente aquelas habitadas por pessoas LGBT): é preciso parar de acusar e condenar; é preciso romper com a hipocrisia e não ter medo de buscar a verdade; é preciso parar de agir como novos inquisidores e repetir erros do passado; é preciso ter a coragem de ouvir, de dialogar e de mudar, se for preciso!

Referências

ALVES, J.A. As novas (velhas) faces do conservadorismo católico. Disponível em: <<https://domtotal.com/noticia/1247491/2018/04/as-novas-velhas-faces-do-conservadorismo-catolico/>>. Acesso em: 21 jul. 2020, às 14:55.

BALLOUSSIER, A.V. Católicos LGBT organizam movimento para reivindicar mais espaço na Igreja. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/07/catolicos-lgbt-organizam-movimento->

36. GIAN SOLDATI, O alerta do Papa aos bispos italianos.

37. Merece destaque o sociólogo e jornalista francês, Frédéric Martel, em sua obra lançada no começo de 2019: MARTEL, *No armário do vaticano*.

para-reivindicar-mais-espaco-na-igreja.shtml>. Acesso em: 17 ago. 2019, às 17:27.

BIROLI, F. et al. *Gênero, neoconservadorismo e democracia*. São Paulo: Boitempo, 2020.

BRABDNÜLLER, W.; BURKE, R.L.; CAFFARRA, C.; MEISNER, J. [Carta ao Papa Francisco]. Disponível em: <<http://senzapagare.blogspot.com/2016/11/4-cardeais-escreveram-uma-carta-aberta.html>>. Acesso em: 16 set. 2019, às 14:57.

BUSCEMI, G. et al. Open-Letter-to-the-Bishops-of-the-Catholic. Disponível em: <<https://www.documentcloud.org/documents/5983408-Open-Letter-to-the-Bishops-of-the-Catholic>>. Acesso em: 24 set. 2019, às 08:59.

CALDEIRA, R.C. Tradicionalismo e conservadorismo católicos: as ideologias em jogo. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/45840-tradicionalismo-e-conservadorismo-catolicos-as-ideologias-em-jogo-entrevista-especial-com-rodrigo-coppe-caldeira>>. Acesso em 17 ago. 2019, às 11:43.

CNBB. *Homem e mulher os criou*. Identidade de gênero na antropologia cristã. Orientações pastorais. Brasília: Edições CNBB, 2019.

CONCILIO VATICANO II. Constituição pastoral *Gaudium et Spes*, sobre a Igreja no mundo de hoje. In: COSTA, L. (Org.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 539-661.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. Instrução sobre os critérios de discernimento vocacional acerca das pessoas com tendências homossexuais e da sua admissão ao seminário e às ordens sacras. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_d oc_20051104_istruzione_po.html>. Acesso em: 20 ago. 2019, às 10:12.

COUTINHO, C. Sigla LGBTQIA+ evoluiu junto ao movimento para gerar inclusão e incentivar o respeito. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2020/09/22/sigla-lgbtqia-evoluiu-junto-ao-movimento-para-gerar-inclusao-e-incentivar-o-respeito.ghtml>>. Acesso em: 06 out. 2020, às 20:15.

DECIMA QUINTA ASSEMBLEIA GERAL ORDINARIA DO SINODO DOS BISPOS. *Intrumentum laboris*. Os jovens, a fé e o discernimento vocacional. Disponível em: <<http://www.synod.va/content/>

synod2018/pt/instrumentum-laboris--os-jovens--a-fe-e-o-discernimento-vocacion.html>, n. 197. Acesso em: 20 ago. 2019, às 10:00.

DOODY, C. “A Amoris Laetitia não muda uma única vírgula da doutrina; no entanto, muda tudo”, afirma cardeal. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/185-noticias/noticias-2016/561728-kasper-a-amoris-laetitia-nao-muda-uma-unica-virgula-da-doutrina-no-entanto-muda-tudo>>. Acesso em: 28 fev. 2020, às 10:30.

DU BOIS, V. (Ed.). A história real por trás de Orações Para Bobby. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TYAkCl6oVZM>>. Acesso em: 30 jul. 2020, às 21:51.

FERRAZ, F. Carta que acusa papa de heresia intensifica guerra santa na Igreja. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/05/carta-que-acusa-papa-de-heresia-intensifica-guerra-santa-na-igreja.shtml>>. Acesso em: 10 set. 2019, às 9:40.

FOLI, A.M. (Ed.). *Quem sou eu para julgar?* O perdão e a tolerância como caminhos para a paz e a harmonia de cada um de nós e de todo o mundo. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*: a alegria do Evangelho. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013.

FRANCISCO, Papa. *Misericordiae Vultus*: o rosto da misericórdia. São Paulo: Paulus; Loyola, 2015.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Amoris Laetitia*: sobre o amor na família. São Paulo: Paulinas, 2016.

FRANCISCO, Papa. *Gaudete et Exsultate*: sobre a chamada à santidade no mundo atual. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.html#%C2%ABALEGRAI-VOS_E_EXULTAI%C2%BB>. Acesso em: 06 out. 2020, às 23:29.

FRANCISCO, Papa. *Fratelli Tutti*: sobre a fraternidade e a amizade social. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acesso em: 08 out. 2020, às 17:33.

GIANSOLDATI, F. O alerta do Papa aos bispos italianos: “Muitos homossexuais nos seminários, prestem atenção!” Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/579335-o-alerta-do-papa-aos-bispos>>

italianos-muitos-homossexuais-nos-seminarios-prestem-atencao>. Acesso em: 24 set. 2019, às 09:20.

GORGULHO, G. da S.; STORNILO, I., ANDERSON, A.F. (Coord.). Bíblia de Jerusalém. 2. ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2002.

GRUPO GAY DA BAHIA. Brasil registra 329 mortes de pessoas LGBT+ em 2019, uma a cada 26 horas. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/04/23/brasil-registra-329-mortes-de-lgbt-em-2019-diz-pesquisa.htm>>. Acesso em: 30 jul. 2020, às 22:14.

HERNÁNDEZ, A.B. El bendito encuentro entre Francisco y Diego. Disponível em: <<https://www.hoy.es/extremadura/201501/25/bendito-encuentro-entre-francisco-20150125003218-v.html>>. Tradução livre: Leomar Nascimento de Jesus. Acesso em: 20 ago. 2019, às 14:38.

JOÃO XXIII, Papa. Constituição Apostólica *Humanae Salutis*. In: COSTA, L. (Org.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 9-18.

LIMA, L.C. Pastoral dos LGBT. Disponível em: <<http://theologicalatinoamericana.com/?p=1493>>. Acesso em: 06 out. 2020>, às 20h.

LIMA, L.C. Os LGBTs, o Papa e a Família. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/6420-luis-correa-lima-3>>. Acesso em: 20 ago. 2019, às 11:50.

MACHADO, R.; FABRINI, F. Ato antidemocrático com Bolsonaro teve ajuda de assessores e ex-auxiliares de políticos. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/05/ato-antidemocratico-com-bolsonaro-teve-ajuda-de-assessores-e-ex-auxiliares-de-politicos.shtml?origin=folha>>. Acesso em: 11 jun. 2020, às 11:29.

MARTEL, F. *No armário do Vaticano: poder, hipocrisia e homossexualidade*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

MOIA, L. Papa Francesco ai genitori: “La Chiesa ama i vostri figli LGBT così come sono”. Disponível em: <<https://www.gionata.org/papa-francesco-ai-genitori-la-chiesa-ama-i-vostri-figli-lgbt-cosi-come-sono/>>. Tradução livre: Leomar Nascimento de Jesus. Acesso em: 06 out. 2020, às 20:55.

NASCIMENTO DE JESUS, L. *Princípios éticos para a comunicação social a partir da Instrução Pastoral Communio et Progressio*. Dissertação de Mestrado. Programa de Estudos Pós-graduados em Teologia – PUC-SP, 2012.

NILSON, J. A Igreja e a homossexualidade: uma abordagem lonergiana. In: JUNG, P.B.; CORAY, J.A. (Org.). *Diversidade sexual e catolicismo*: para o desenvolvimento da teologia moral. São Paulo: Loyola, 2005. p. 93-106.

PASSOS, J.D. *A força do passado na fraqueza do presente*: o tradicionalismo em suas expressões. São Paulo: Paulinas, 2020.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA. *Lexicon*. Termos ambíguos e discutidos sobre família, vida e questões éticas. 2. ed. Brasília: Edições CNBB, 2007.

SALIH, S. *Judith Butler e a teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SALZMAN, T.A.; LAWLER, M.G. *A pessoal sexual*: por uma antropologia católica renovada. Porto Alegre: Editora UNISINOS, 2012.

SERRA, C. *Vimos pra comungar*: os grupos de católicos LGBT brasileiros e suas estratégias de permanência na Igreja. Rio de Janeiro: Metanoia, 2019.

SUESS, P. Sinais dos Tempos. In: PASSOS, J.D.; SANCHES, W.L. *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2015. p. 895-901.

Artigo recebido em: 31 jul. 2020

Aprovado em: 13 out. 2020